

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

A EPISTEMOLOGIA A PARTIR DE HEIDEGGER¹ THE EPISTEMOLOGY FROM HEIDEGGER

João Francisco Cocaro Ribeiro²

¹ Projeto de Iniciação Científica

² Aluno do Curso de Graduação em Direito da Uri, campus Santo Ângelo. E-mail: joao-cocaro@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A hermenêutica como deslocamento de questionamento operado por Heidegger, precipuamente em *Ser e Tempo*, é apresentada neste estudo. Por meio de cinco momentos interligados, desenvolvemos conceitos e temas fundamentais do pensamento heideggeriano, apontando elementos significativos à posterioridade hermenêutica. A tese fundamental é de que as expressivas reviravoltas no modo tradicional de conceber o problema ou a questão hermenêutica se circunscrevem na passagem da epistemologia à ontologia, expressa na afirmação: o ser-aí, em seu ser, é hermenêutico.

Ao apresentar o movimento ou a reviravolta operada na hermenêutica por Heidegger, faz-se pela convicção rortyniana de que passo o tempo da epistemologia moderna e não há nada para colocar no seu lugar. Heidegger, portanto, não mais situa a hermenêutica sob uma teoria do conhecimento, mas sob os modos de ser do *dasein*, que somente existe compreendendo.

A DISCUSSÃO HERMENÊUTICA

Na intenção de melhor situar o lugar de Heidegger na evolução da discussão hermenêutica moderna e contemporânea, didaticamente, pode-se estabelecer a seguinte distinção conceitual: A. hermenêutica técnica; B. hermenêutica filosófica; C. filosofia hermenêutica.

A. A hermenêutica técnica mantém a preocupação com o procedimento, com a interpretação correta, para chegar à verdade e, portanto, pergunta pelo como. B. A hermenêutica filosófica deixa de se preocupar com o procedimento e passa a perguntar pelas condições de possibilidade do compreender e interpretar. C. A filosofia hermenêutica passa a assumir a tarefa de interpretar a realidade do mundo da vida. “Portanto, da necessidade de interpretar a hermenêutica passou a ser um modo de pensar, constituindo-se como metodologia, transformou-se num modo de pensar e filosofar” (STEIN, 1996, p. 56).

De pronto, dito isso, “a hermenêutica estabeleceu-se historicamente primeiro com um sentido especial, referindo-se à explicação e interpretação de textos normativos, particularmente da literatura clássica e da Sagrada Escritura ou, então, também de textos jurídicos (CORETH, 1973, p. 100). Era, nesse sentido, em seu início, uma hermenêutica técnica, fornecendo orientações práticas, em seus respectivos setores, para superar as dificuldades de compreensão e de

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

interpretação de textos. “Sem ser, ela mesma, uma prática, era um conjunto de teorias da interpretação, constituídas, isto sim, em vista de uma práxis interpretativa (SCHLEIERMACHER, 1999, p. 153). Entendida como disciplina auxiliar para cada uma dessas áreas do saber, tinha, em cada uma delas, princípios de procedimento interpretativo próprios.

A hermenêutica passou a integrar o cenário filosófico quando, com Schleiermacher, no início do século XIX, deixou de ser uma disciplina auxiliar na busca de uma fundamentação universal da compreensão. Desde então, se tornaram um modo de pensar diversas questões da filosofia e das ciências humanas. A importância de sua discussão vem crescendo numa época pós-metafísica, em que, cada vez mais, se toma consciência da interpretação do propriamente humano. Enfim, já não contando mais com a possibilidade da verdade funcional (metafísica), são o sentido e o agir humano, com seus limites e suas potencialidades, que carecem de compreensão.

O lugar de origem da filosofia hermenêutica está em Martin Heidegger, onde é a concepção basilar da obra *Ser e Tempo*. Todavia, aparece primeiramente na obra *Ontologia: hermenêutica da facticidade*.

O termo denomina, na ligação com seu significado originário: uma determinada unidade de realização do hermeneuein (do participar a alguém), quer dizer, a explicitação (interpretação) da facticidade que traz ao encontro, à vista, ao captar e ao conceito (HEIDEGGER, 1999, p. 14).

Dito isso, demonstra-se uma reviravolta em relação ao conceito da hermenêutica precedente. Não mais entende-a como caráter epistemológico, mas sim ontológico, diretamente ligado ao termo de facticidade. “A facticidade é a denominação para o caráter ontológico do existir do próprio dasein” (HEIDEGGER, 1999, p. 7). E, também, “hermenêutica se forma para o dasein uma possibilidade de se tornar compreensiva para si e ser assim” (HEIDEGGER, 1999, p. 15).

Em *Ser e Tempo*, a hermenêutica adquire uma dimensão central, sendo teorizada ontologicamente. A compreensão é um modo de ser do dasein que compreende o ser ao se compreender. O dasein não busca simplesmente compreender o ser como um querer em termos epistemológicos, mas sempre lida com o ser como um conceito operatório, que, por sua vez, revela-se no modo como compreende. Compreender é o modo pelo qual o ser-aí é como é. Nesse sentido, a ontologia heideggeriana se volta contra a ontologia precedente e, enquanto fenomenologia hermenêutica, parte da compreensão do ser e não mais do ente simplesmente dado. Partindo desta base, a hermenêutica remete ao sujeito, não simplesmente perscrutando o que ele é, mas como ele é; o modo com que o ser humano conhece apresenta indícios de como ele é.

Desta concepção heideggeriana e, doravante, desenvolvida amplamente por Gadamer, a hermenêutica é compreendida como o modo mais próprio de fazer filosofia. Filosofar significa

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

interpretar, interpretar a realidade da vida, em seus mais diversos níveis e aspectos, mas não com o propósito de fazer o seu inventário, e sim, antes, de atribuir-lhe um sentido. Filosofar é, desse modo, uma atividade que permanece no nível conceitual da reflexão, sem uma incursão direta sobre a realidade, sobre a fatualidade. Como ela é construção conceitual de compreensão e não construção dos objetos e sobre objetos, permanece no nível de interpretação. Nietzsche diria que permanece na dimensão de construção de metáforas, de interpretações que se tornam gastas e substituídas por outras.

Desta reviravolta heideggeriana, decorrem diversos desdobramentos hermenêuticos, tendo sua amplitude maior de compreensão e pensamento com Gadamer, constituindo-se numa hermenêutica filosófica. Esta, entretanto, ainda que designe atualmente a perspectiva mais importante da hermenêutica, não cobre a totalidade de seu paradigma. As concepções precedentes, a hermenêutica técnica e a filosofia hermenêutica não estão ausentes nas discussões e continuam tendo uma dimensão importante não apenas em termos de história, mas de proposições e reflexões, inclusive no filósofo Paul Ricoeur. Este, por sua vez, realiza um enxerto da hermenêutica na fenomenologia, percorrendo o itinerário da epistemologia à ontologia e da ontologia à epistemologia.

A fenomenologia hermenêutica de Ricoeur aponta a compreensão de si como central. Não é a imediatidade a caracterização da consciência, porque esta já é sempre uma tradição histórico-cultural, que lhe impossibilita um flexionar-se imediato e transparente de si mesma. A consciência se encontra se encontra impossibilitada de se possuir na sua pureza. O determinante não é a intuição, mas a interpretação, elevando-a à dimensão da tarefa, tarefa de se compreender por meio das obras culturais em que o ser se expressa. É o desejo de uma transparência absoluta, de uma perfeita coincidência de si consigo mesmo, reivindicação fundamental da filosofia reflexiva e da própria fenomenologia do primeiro Husserl, que a hermenêutica ricoeuriana transfere para um horizonte sempre mais longínquo.

O SER-AÍ ENQUANTO SER HERMENÊUTICO

Há, em Heidegger, um verdadeiro deslocamento ou reviravolta do problema hermenêutico, passando da epistemologia para a ontologia, enquanto sua condição de possibilidade. Não constitui um prolongamento e aperfeiçoamento da epistemologia, mas um aprofundamento, donde a epistemologia se torna possível. Em Heidegger, a hermenêutica não está mais sob uma variedade de uma teoria do conhecimento, mas sob os modos de ser do ser-aí, que somente existe compreendendo. Em vez da bipolaridade sujeito-objeto (texto), presente ainda em Schleiermacher, Heidegger indaga-se pelo ser como sua base ontológica comum. A hermenêutica, portanto, já não está mais ligada à exegese dos textos, mas à ontologia: é uma ontologia da compreensão.

Hermenêutica vem a ser, aí, hermenêutica existencial: na base da interpretação e da compreensão de textos, está a estrutura de compreensão do ser-aí. Ao invés do sujeito transcendental, é a estrutura de ser-no-mundo que agora se constitui na condição de possibilidade de todo sentido. O

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

trabalho hermenêutico, desta forma, é “cavar” esse solo ontológico. Concebendo a compreensão como a forma originária da realização do ser-aí, propõe-se como tarefa hermenêutica a análise fenomenológica do ser-aí, e não a interpretação de expressões linguísticas. Surge, assim, “a hermenêutica da facticidade” e não propriamente uma hermenêutica da linguagem. O próprio ser-aí, em seu ser, é hermenêutico.

Nessa primeira reviravolta, a compreensão enquanto modo de ser junto ao ser, está implicada uma segunda: a despsicologização da hermenêutica. Heidegger não concebe a compreensão na relação da comunicação com outrem à maneira de Schleiermacher e Dilthey, mas de nossa relação e situação para com e no mundo. Há preeminência da mundanidade do mundo o ser-aí em relação a questão da compreensão do outro. Essa segunda reviravolta heideggeriana, contudo, nem sempre foi percebida em interpretações existencialistas, ao explorarem a reflexão heideggeriana sobre alguns sentimentos, tais como da angústia, da preocupação, do medo, da morte. Ao explorar tais sentimentos, Heidegger procura extrair uma relação mais primordial do ser-aí com o mundo (ontológica) do que a relação sujeito-objeto (texto), epistemologia ou psicologizante. É para mostrar que, a partir da condição irrecusável de habitante desse mundo, “podemos, num segundo movimento, opor a nós objetos que pretendemos dominar intelectualmente (RICOEUR, 1977, p. 39).

O compreender, neste sentido, não se constitui na apreensão de um fato de linguagem, de um texto, de um discurso ou da vida de outrem, mas enquanto condição de possibilidade de ser e existir; é desde sempre um projetar do ser-aí lançado e situado no mundo. A interpretação, por sua vez, aparece num terceiro momento: situação-compreensão-interpretação. É porque sempre somos já compreendendo nossa situação no mundo que podemos interpretar. “Compreender é o ser existencial próprio do poder-ser do ser-aí” (HEIDEGGER, 1967, 144). Isto é, na interpretação, a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa. Heidegger, neste sentido, coloca a hermenêutica em termos radicais, deixando-a de ser uma teoria interpretativa tanto a textos quanto a acontecimentos históricos, sendo fundada na facticidade do ser-aí enquanto ser hermenêutico.

A hermenêutica heideggeriana não se localiza num aperfeiçoamento e prolongamento da epistemologia, mas num aprofundamento de onde a epistemologia se torna possível, enquanto derivada: analítica existencial do existente ser-aí. A hermenêutica ontológica da historicidade do ser-aí é condição de possibilidade do saber histórico, ou seja, “ela serve, em seguida, de enraizamento para o que se deve denominar de hermenêutica num sentido derivado: a metodologia das ciências históricas do espírito (HEIDEGGER, 1967, p. 144).

Da análise existencial do ser-aí emerge a questão hermenêutica. Esta não é mais o resultado de um ato interpretativo, mas a possibilidade de toda a interpretação. Em Heidegger, portanto, a

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

hermenêutica assume o lugar da metafísica, a ontologia se transforma em fenomenologia hermenêutica da existência, sendo que a metodologia das ciências humanas e históricas pode somente ser denominada de hermenêutica em sentido derivado. A hermenêutica é, fundamentalmente, a hermenêutica da facticidade do ser-aí, a saber, da existência humana entendida como estar-no-mundo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a hermenêutica filosófica heideggeriana ocupa um lugar central na evolução da discussão hermenêutica moderna e contemporânea. O sentido passa a ser o elemento central do pensamento e das reflexões, orientado para a descrição de mundo possível. É eliminada a noção de essência, pois não há verdade ou essência a ser encontrada. O interpretar, neste sentido, não se caracteriza como posse de uma essência, mas antes como uma interpretação que tem sua base, com fundamento originário, o ser-aí que sempre compreende. Se Descartes havia vencido a dúvida sobre a coisa pela evidência da consciência, o pensamento hermenêutico pós-heideggeriano ingressa na dúvida sobre a própria consciência. A consciência já não é a condição de possibilidade para a compreensão, mas aquilo que exige e é necessário ser compreendido.

REFERÊNCIAS

- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: hermenêutica de la facticidad*. Madrid: Alianza, 1999.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- RICOEUR, Paul. *Do texto à ação*. Lisboa: Rés, 1989.
- _____. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- _____. *O conflito das interpretações*. Lisboa: Rés, 1988.
- _____. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDI PUCRS, 1996.